

A escrita: um outro sentido

*Claudia Regina Porto Buzatti*¹

Resumo: A escrita de mulheres cegas e surdas surge como uma espécie de catarse sinestésica, impregnada de estímulos, emoções e sentidos, onde a imaginação flui liberta, através de uma mente que recria sensações. A partir da leitura e análise da produção literária de mulheres cegas e surdas, pretendemos observar as relações que elas estabelecem com o ato de escrever. Posto que se comunicam através da escrita, tendo-a como um outro sentido, uma outra via de acesso em direção à alteridade. Interessa-nos dizer da busca dessas mulheres, desses corpos para os quais foi longa e árdua, a tarefa de começar a escrever, de se deleitar com o universo dos significados, dos gêneros textuais que permeiam as palavras e suas mais variadas formas de comunicação. Vemos a escrita enquanto outro sentido, uma metáfora possível e potente porque quer dizer de uma ampliação da nossa percepção.

Palavras-chave: sentido; corpo; escrita; comunicação; alteridade.

I. SOBRE O ATO DE ESCREVER

As palavras desconhecem o curso
 de um dia justo.
 Há coisas que não se mostram,
 ou que só se mostram escondendo-se.
 Em cada palavra algo perdura
 perigosamente intocado
 pelo pensamento.
 Algo com um centro,
 inteiro em si;
 fechado em si:
 este peso de papel.
 Ana Martins Marques²

As ressonâncias das palavras, ao mesmo tempo, revelam e escondem as coisas. Que há muito guardam as memórias, daquilo que possivelmente, já nos esquecemos. Instiga-nos a pensar naquilo que se inscreve na escrita, ou, em como nos inscrevemos em nossas escritas.

¹ É professora, graduada em Letras com Licenciatura Plena e Habilitação em Inglês, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Tecnóloga em Comunicação Assistiva – Libras e Braille, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS). É natural de Belo Horizonte, Minas Gerais. crpbuzatti@gmail.com

² Escritora, nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais. Graduada em Letras pela UFMG com doutorado em literatura comparada. É autora de vários livros de poesia, dentre eles *A vida submarina* (Editora Scriptum, 2009). Disponível em: <https://www.poesiaprimitiva.com/ana-martins-marques/ana-martins-marques>, Acesso em: Julho/2019

Iniciamos este trabalho, então, com uma reflexão sobre o ato de escrever. Que vontade inquietante é esta, de escrever, que nos deixa fragilizadas perante a pena e a folha de papel? Parece haver uma angústia naquilo que está oculto e ainda não fora revelado pelas palavras.

Posto isto, por que nos colocamos diante desta situação, em tamanho desconforto, da expectativa pelo texto escrito e da solidão ao produzir a própria escrita? Se escrever nos causa sofrimento, por que não desistir do texto? Para a escritora Marguerite Duras (1914) o ato de escrever assemelha-se a

Achar-se em um buraco, no fundo de um buraco, numa solidão quase total, e descobrir que só a escrita pode nos salvar. Achar-se sem assunto para o livro, sem a menor idéia do livro significa, achar-se, descobrir-se, diante de um livro. Uma imensidão vazia. Um livro eventual. Diante de nada. Diante de algo semelhante a uma escrita viva e nua, algo terrível, terrível de ser subjugado. Acho que a pessoa que escreve não tem a idéia de um livro, tem as mãos vazias, a mente vazia, e dessa aventura do livro ela conhece apenas a escrita seca e nua, sem futuro, sem eco, distante, com suas regras de ouro, elementares: a ortografia e o sentido. (DURAS, 1914, p.19).

O começo do ato de escrever parece ser esta criação no entorno, na borda, tem a ver com “achar-se”, “descobrir-se” neste vazio que nos fala Duras (1914). Em “Escrever”, a autora francesa também diz de um processo muito solitário que faz nascer sua escrita, e da casa enquanto lugar desta solidão, para ela, sua casa tornou-se a “casa da escrita”. Lemos:

[...] Esta casa é o lugar da solidão, no entanto dá para uma rua, uma praça, um tanque muito antigo, a escola da cidade. [...] A solidão não se encontra, se faz. A solidão se faz sozinha. Eu a fiz. Porque resolvi que ali eu deveria ficar só, para escrever livros. Foi assim que aconteceu. Eu estava sozinha nesta casa. Eu me fechei – eu tive medo também, é claro. E depois eu amei esta casa. Esta casa se tornou a casa da escrita. Meus livros saíram desta casa. Desta luz também, do parque. Desta luz que reverbera no tanque”. (DURAS, 1914, p.16)

Se a casa pode ser esta morada da escrita, da solidão, também poderíamos aproximá-la do corpo que escreve. A casa é também o corpo, onde habitam: nossos fragmentos, os retalhos, a nossa intimidade; as nossas paredes, muros e os nossos limites; as memórias das mudanças, de todas as vivências, o pensamento sobre o agora e todos os planejamentos futuros. O corpo é a casa da escrita. No corpo moramos com as nossas vivências. A casa é um símbolo que passeia pela literatura com uma intimidade secular e que pode representar muito bem o corpo e, sabemos, que todo corpo quando escreve, quer se comunicar.

No trecho do texto, “A mesa”, da escritora mineira Bárbara Buzatti, pode-se perceber as vivências de um corpo que sente e se movimenta pelos espaços da casa, reconhecendo-se nos mais variados objetos, nas sensações impregnadas nas memórias guardadas pelas coisas

Recolhi mais brevemente as xícaras, os pratos, os talheres, o jogo de panelas vermelhas que você me deu de presente, os panos de pratos, a minha relação com a cozinha, com o coração da casa. Tive que ser rápida porque da cozinha, dava pra vê-la, na sua tristeza estonteante, seis lugares para dois quebrados. Eu e você quebrados. [...] A mesa era aparentemente nova, em bom estado, mas usada. Usada por outra família, por outros corpos que eu não desejava ver. Seus pés eram altos demais e também é verdade que nós nem tínhamos uma toalha que a cobrisse inteira. [...] Por isso, ainda hoje, ainda que eu me mude em velocidades assustadoras, há a lembrança da chegada da mesa, da minha partida e da minha revolta. Do meu abraço frio, do corpo fechado. De tudo que me fez aprender. Do suspiro e do susto. Da mudança de clima e de quarto. Hoje, sinto que já sei que os formatos da sala vão se alterar. Dos quartos também. Inevitável. Muitas mesas aparecerão na desesperada tentativa de preencher os espaços vazios. Muitos vão se sentar em ausências. Toda pessoa, pode um dia errar a cadeira, sentar em falso. Qualquer ser, uma hora sente o peso da queda. (BUZATTI, 2019, no prelo).

A comunicação não é o que se diz, mas o que o outro entende. A comunicação pode ser vista como uma mola propulsora da interação humana. Um veículo, através do qual enviamos uma mensagem e eventualmente, recebemos outra como resposta. E o corpo-casa é este mensageiro, por onde passa toda palavra dita ou não dita. Na “Celebração de bodas da razão com o coração” Eduardo Galeano questiona

Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração. Sábios doutores de Ética e Moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra sentipensador para definir a linguagem que diz a verdade.

Um sistema de desvínculos: para que os calados não se façam perguntas, para que os opinados não se transformem em opinadores. Para que não se juntem os solitários, nem a alma junte seus pedaços. (GALEANO, 2002, p.64-65).

Escrever é também uma forma, um jeito intenso de se comunicar. Escrevemos para “juntar nossos pedacinhos”. E a escrita está no corpo como um todo, no corpo enquanto casa, não se atendo a um único sentido no ato de escrever. Por isso aqui diremos da escrita

enquanto *um outro sentido*, uma outra via de acesso, que não precisa excluir nenhum para incluir-se. Dado que acreditamos que a escrita venha do corpo como morada das palavras, do corpo em sua potência ampla, simbolizado pela casa.

Um corpo, assim como uma casa, sempre mudam, portanto, sempre estarão perdidos e sempre terão de lidar com algum vazio. Em uma casa há sempre uma xícara que se quebra, uma parede que se pinta, um cano estourado, um cômodo bagunçado, os conteúdos próprios de um sujeito na gaveta. Em um corpo sempre há algum silêncio das palavras que dormem, algum medo, alguma ferida, algum trauma, alguma zona de prazer, alguma alegria. Para escrever é necessário querer comunicar-se, querer dizer de qualquer maneira. Sabendo que depois de escrito o texto vê-se “livre de você que o escreveu”, para Duras (1914)

A partir do momento em que se está perdido e que não se tem mais o que escrever, mais o que perder, aí é que se escreve. Ao passo que o livro está ali, e grita, exige ser terminado, exige que se escreva. A pessoa se vê obrigada a se colocar a seu serviço. É impossível escapar de um livro, antes que ele esteja afinal escrito – ou seja: sozinho e livre de você que o escreveu. (DURAS, 1914, p.21-22)

A escrita é um instrumento muito potente para pertencer à literatura ou à linguagem, portanto neste trabalho, optamos por olhar para a escrita como *um outro sentido* na produção textual de autoras cegas e surdas. Não como um sentido complementar, ou que supre algo na lida com a ausência da visão ou da audição. Mas, enquanto uma saída possível para o texto, um outro estímulo, uma espécie de catarse sinestésica, capaz de impulsionar a escrita de autoras cegas e surdas. Sabemos que a sinestesia

[...] é também um resultado perceptivo, mas de natureza não correíqueira, onde, através de um dado sentido, se experimenta uma percepção relativa a um sentido diferente daquele que forneceu o *input*. Ao ver a cor verde, ou a palavra verde, sente-se gosto, literal, de limão, por exemplo. Mas poderia ser também uma sensação de volume, ou qualquer outra inferência. (LEOTE, 2014, p. 56).

Portanto, dizemos que a escrita de autoras cegas e surdas é também uma expressão sinestésica, posto que para escreverem sobre o azul do céu sendo cegas ou sobre o canto dos pássaros sendo surdas, valeram-se da transitoriedade dos sentidos. Talvez lhes seja necessário tocar no limão para pensar seu verde ou ver a criança chorando para pensar seu som, seu grito. Deste modo, representações mentais, seriam capazes de lhes proporcionar uma fusão de sentidos.

E a escrita para estas escritoras cegas e surdas, aparece enquanto *outro sentido*, porque o corpo de uma mulher cega ou surda está em busca de achar-se na escrita, como qualquer outro corpo-casa. Porém em seu repertório é necessário conhecer, por vezes, sinestesticamente,

as palavras. A escrita destas mulheres pode ser tida como *um outro sentido*, uma possível forma de comunicação sinestésica. Sobre as palavras e os sentidos:

As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem. Os poetas abriam os frascos, provavam palavras com o dedo e então lambiam os lábios ou fechavam a cara. Os poetas andavam em busca de palavras que não conheciam, e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido. (GALEANO, 2002, P.13)

No âmbito da lingüística, a sinestesia é também uma figura de linguagem, tal qual a metáfora, por exemplo, uma vez que combina elementos de universos diferentes:

Sino
mãos soam
refletindo
o tocar

Trindades sacras
Três saberes práticos
Olhar com as mãos
Ouvir com a pele
Falar com o olhar [...]. (PIMENTA, 2017, P.118-119)

No poema “*Sino*” e no trecho do poema “*Trindades Sacras*” da escritora mineira Luciana Pimenta, podem ser considerados excelentes exemplos de sinestesia enquanto figura de linguagem na construção poética da autora, pela combinação de várias sensações, dentre sentidos diferentes: “*mãos soam, refletindo o tocar*”; “*Olhar com as mãos*”; “*Ouvir com a pele*”; “*Falar com o olhar*”.

Muitas vezes, quando escrevemos, usamos do nosso *Sistema sensorial*³ para dizer melhor de nossa escrita, no intuito de transportar o leitor para dentro da cena, enquanto a descrevemos. Ademais uma necessidade de compartilhar com o leitor, das sensações e emoções envolvidas naquele contexto escrito, como um convite para que o leitor seja cúmplice de nossas próprias percepções. O que vemos, mas ainda não fora revelado pela imagem? Existem outros sons e vibrações nas coisas? Somos capazes de sentir os aromas e odores que ali se encontram? Há algo possível de se degustar?

3 O sistema sensorial é composto pelos sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) com seus respectivos órgãos (olho, ouvido, nariz, língua e pele) que compreendem o sistema de percepção do nosso corpo com o meio externo. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/biologia/sistema-sensorial.htm>>, Acesso em: Julho/2019

No trecho abaixo do poema da escritora Hilda Hilst, a “mesa” é vista pelo homem enquanto objeto concreto, “é feita de madeira”, “coberta de tinta”; “porém a autora tem uma percepção mais apurada, que permeia a subjetividade, para além do que se possa enxergar na concretude do objeto, “a madeira que lhe protege o interior” e o “interior que é humano”.

A mesa de escrever é feita de amor
e de submissão.
No entanto
ninguêma vê
como eu vejo.
Para os homens
É feita de madeira
E coberta de tinta.
Para mim também
masa madeira
somente lhe protege o interior
e o interior é humano. (HILST, 2017, p. 55).

A produção textual de autoria cega ou surda, de algum modo, perpassa a percepção sensorial, na transitoriedade dos sentidos. A percepção pode ser compreendida, enquanto conceito filosófico, antropológico, psicológico, biológico, dentre outros. Alguns teóricos afirmam que “nosso conhecimento sobre o mundo só possa surgir através de alguma forma de percepção” (INGOLD, 2008). Por isto, pode ser que um dos problemas consista na forma como interpretamos e traduzimos o mundo

[...] Diz-se que o som alcança diretamente a alma, ao passo que na visão tudo que se pode fazer é reconstruir uma imagem de como o mundo de fora poderia ser, baseado nas sensações induzidas pela luz. Mas, da mesma maneira, somos mais prontamente convencidos de que ouvimos som do que vemos luz. Supomos que os objetos da visão não são fontes ou manifestação de luz, mas coisa que a luz ilumina para nós. Os objetos da audição, por outro lado, não são coisas, mas sons ou fontes de sons. (INGOLD, 2008, P.5).

Apesar disto, ao tentarmos compreendermos aquilo que nos pareça tão óbvio, “parece que a única coisa que não percebemos de fato, é a nossa própria percepção” (INGOLD, 2008).

2 REINVENTAR-SE

No início, só escuro. Na folha em branco, não se enxerga nada. Imagem nula, imagem alguma. No som da página, silêncio. Não vibra, nada. Não há movimento, ritmo ou som, das coisas, que ainda estão por vir.

Todo leitor é cego, quando vai iniciar um texto. Cego aos objetivos do autor. Aos caminhos que vai percorrer. Ao que irá descobrir sobre si mesmo e sobre a escrita. (SCHITTINE, 2016, p.11-12).

A tessitura das palavras, aos poucos se organiza pela página e num emaranhado de sentidos, colore o papel de fragrâncias e aromas, de uma viagem possível, em relevo, em sons, em imagens, em sabores de letras com chocolate.

Leio sempre e leio muito. A escrita acontece também quando estamos lendo texto literário em face da multiplicidade de sentidos desse tipo de texto. O mundo é muito visual e, por isso, para quem não vê o mundo é bem menor. Mas esse mundo se amplia quando ler e escrever faz parte da nossa vida. O leitor abre um livro, não vê nenhuma imagem, nenhuma ilustração. Quando a leitura começa, as imagens vão surgindo e se multiplicando, na força das palavras do autor. Ver ou não ver fica para trás, pouco importa. Ler e ver se confundem, o milagre da palavra, da leitura acontece. (LISBOA, 2019)

O objetivo deste trabalho é promover uma reflexão sobre a escrita de autoria cega e surda, sabendo-se que tais escritoras têm um comprometimento grave em um de seus sentidos mais básicos, tais como a visão e audição. Então, como seria possível, encontrar na escrita, destas autoras, esta *outra via de acesso*, capaz de ressignificar a própria vida? Este *outro sentido*, que torna a escrita de sobrevivência, testemunho, em militância.

Portanto, não nos cabe aqui, aprofundarmo-nos em questões relevantes acerca da cegueira ou da surdez, de caráter filosófico, histórico, de definições biológicas, aprendizado, cultura, identidade, dentre outras, ainda que, eventualmente, possam vir à tona no texto.

No que diz respeito ao termo deficiência, pode-se dizer que “o problema acontece quando a palavra deficiência sai do papel”. (GOMURY, 2019)⁴ e adquire um caráter de incapacidade. A partir deste momento, a palavra torna-se um gatilho, que ao ser disparado, atira preconceito e ignorância, contra os sujeitos surdos e cegos, atribuindo-lhes um conceito errôneo sobre a potencialidade de suas habilidades e competências, e justificada pelo desconhecimento de sua cultura e identidades surda e cega.

Porém, muitas destas mulheres, embora não tenham um grave comprometimento de um dos sentidos, tal qual a visão ou audição, ainda assim, tem a percepção das dificuldades enfrentadas por estas outras mulheres, no processo de suas autorias.

Escrever não é uma tarefa tão simples assim. E é assim para todas nós. Muitas vezes, demanda noites em clarões de café. A escrita é uma labuta diária. Encontrar palavras capazes

4 Roberta Gomury, intérprete de língua de sinais e professora graduada em Letras, ministra aulas de português como L2, para alunos surdos e ouvintes, em cursos de capacitação do CAS-BH.

de expressar com maestria nossas ideias. Definir o objetivo da escrita. Escolher a multimodalidade textual, a forma, que irá de encontro ao que queremos dizer.

Ainda mais, se considerarmos, tanto a nossa condição de mulher, que suscita o descrédito e a falta de prestígio e privilégios, quanto as desvantagens sócio econômicas pelas quais passamos, em nossas vidas.

Somos mulheres, pensamos, existimos, queremos ocupar nossos espaços, deixar como legado registros de nossos pensamentos, ideias e opiniões. Queremos nos interagir com o todo, que é parte de todas nós. .

[...] como eu escrevia, era preciso evitar falar sobre livros. Os homens não suportam isso: uma mulher que escreve. É cruel para o homem. É difícil para todos. (DURAS, 1914, p.17).

É inaceitável, deixar que se apropriem de um lugar de pertencimento, que mata, suprime o som da voz da mulher. Em nossas escritas, ecos de nossas militâncias.

3 SOBRE O TESTEMUNHO: “NADA DE NÓS, SEM NÓS”

O preconceito e a ignorância que subjagam a potencialidade das escritoras surdas e cegas, assemelha-se ao processo de dissecação de nossa cultura, que alvitra nossos próprios corpos e nossas identidades:

Apesar de uma mulher não ter condições de parar a dissecação da cultura e das terras da noite para o dia, ela tem condição de interromper esse processo no seu próprio corpo. [...] Uma mulher não pode tornar a cultura mais consciente apenas com a ordem de que se transforme. Ela pode, no entanto, mudar sua própria atitude para consigo mesma, fazendo com que projeções desvalorizadas simplesmente ricocheteiem. Isso ela consegue ao resgatar seu corpo. Ao não renunciar à alegria do seu corpo natural, ao não “comprar” a ilusão popular de que a felicidade só é concedida àqueles de uma certa configuração ou idade, ao não esperar nem se abster de nada e ao reassumir sua vida verdadeira a plenos pulmões, ela consegue interromper o processo. Essa dinâmica do amor-próprio e da aceitação de si mesma são o que dá início à mudanças de atitudes na cultura. (ÉSTES, 1994, p.256).

Há que se barrar a ignorância, pois ela faz sofrer o outro. Tal qual a palavra deficiência, que ao sair do papel incita o preconceito. Quando se desconhece a condição do outro, desconsidera-se sua condição de pessoa.

Assim, a escrita destas mulheres não é só uma escrita de sobrevivência, é um testemunho. É uma maneira de inscrever-se socialmente e mesmo tendo um de seus sentidos comprometidos, afirmar-se capaz quanto qualquer outra, de realizar, de alcançar o que quiser. Para além, todo testemunho toda

[...] escrita do sobrevivente se vincula à memória daqueles que não sobreviveram. Nesse sentido, escrever é também uma forma de dar tûmulo aos mortos, para que não sejam esquecidos. (SELIGMANN-SILVA: 2003, *apud*,GINZBURG, 2011, p. 3).

Karin Strobel relata algumas de suas vivências, face ao preconceito, enquanto mulher surda, escritora e ativista. Em sua militância, hasteia a bandeira “*Nada de nós surdos, sem nós surdos*”, e se utiliza de uma escrita, de um *outro sentido*, impregnado de sensações, para além da audição, como narrativas possíveis para contar a história dos surdos e fazer vívidas as memórias de suas lutas e conquistas, em prol das causas surdas.

[...] o que eu guardo de bom da infância foi ter aprendido a ter perseverança diante de todas as dificuldades, superação das limitações impostas pela sociedade que me consideravam um ‘deficiente’. [...] Sofri mais discriminação por ser surda do que por ser mulher. [...] Infelizmente, isto é comum na sociedade que ainda tem a representação negativa acerca de povo surdo, vêem os surdos como incapazes, ou lidam-nos de forma paternal. Cabe a nós, o povo surdo, lutarmos e mostrar que somos muitos capazes sim! [...] Há escassez de história cultural de surdos. (STROBEL, 2008).

A escrita destas mulheres é também um vîeis na luta por fazer valer sua identidade surda ou sua identidade cega, seu lugar de pertencimento por direito, sua visibilidade social, e o pleno exercício de sua cidadania. Deste modo, é possível dizer que a escrita destas mulheres também pode ser considerada como um meio de se romper com a ignorância, acerca da identidade do sujeito surdo e do sujeito cego. Sabemos que

Com o testemunho, é elaborada uma perspectiva para a compreensão do passado a partir dos excluídos. É estabelecido nesse ponto um dilema, referente à língua a ser escolhida. Um impasse aflora quando é necessário, por esforço de preservação de memória e difusão do material, utilizar a língua do colonizador para realizar o testemunho [...] Estudar o testemunho significa assumir que aos excluídos cabe falar, e além disso, definir seus próprios modos de fazê-lo. (GINZBURG, 2011, p. 3-5).

Michelle Murta compartilha suas experiências de vida, na trajetória da construção de sua Identidade Surda. Relata a importância de ter se assumido como mulher surda, usuária

da Libras - Língua de Sinais Brasileira⁵. Murta se orgulha de ser militante, em prol das causas surdas. Ela também hasteia a bandeira “*Nada de nós surdos, sem nós surdos*”, para reivindicar a legitimidade do uso da Libras como primeira língua dos surdos e menciona algumas das dificuldades que enfrentou até torna-se professora de Libras da Faculdade de Letras -UFMG. Michelle Murta, ao relatar sua história de vida, se utiliza da escrita do português, enquanto *um outro* sentido, uma outra via de acesso, capaz de promover grandes mudanças.

[...] Eu gostaria de narrar um pouco sobre minha trajetória em uma sociedade que me obrigava e me lembrava, a todo tempo, que a minha língua tinha que ser o português. [...] A professora avisava: “Agora é ditado”. Eu ficava muito nervosa com esse aviso, porque sabia que errava tudo e me sentia burra. A professora falava “mala”, eu escrevia “fala”. (MURTA, 2018, p.255-258)

Elizete Lisboa, professora graduada pela FALE – UFMG, escritora de literatura infanto-juvenil, mulher, cega, que se insere na escrita através do Braille, e percebe no tato, uma *outra* via de acesso, para além da visão, capaz de ampliar seus horizontes.

Sou cega e o hábito da leitura torna a cegueira menos pesada para mim, para os cegos em geral. Posso dizer que diminui a cegueira. Gosto muito de ler e de escrever. Leio em Braille desde meus nove anos de idade. Leio com facilidade, com as duas mãos. A mão esquerda marca a linha que estou lendo, a mão direita vai em frente decodificando os símbolos. A todo instante a mão esquerda também se afasta da margem para tornar a leitura mais rápida. Na verdade as duas mãos vão lendo. Esse movimento de mãos abertas sobre a página me possibilita ter uma imagem visual do texto. Claro que essa imagem visual é criada por caminhos táteis, talvez mais acertado seja falar em imagem tátil-visual. Nesse momento estou me lembrando do poema “Naja” do escritor mineiro Anderson de Oliveira. As palavras se deslocam na página, criando o movimento da cobra que se enfurece, pronta para o ataque. O texto, que está em braile, ficou visual pra mim também e eu penso nele, na sua disposição gráfica na folha. Penso no que o poeta disse sobre a naja e minha percepção é de estar vendo. (LISBOA, 2019, no prelo)

Nas vozes umas das outras, nossos registros mais autênticos – entre-linhas: entre-vozes - entre-sinais – existe uma sororidade, que grita por nossos anseios de liberdade. É impossível abrir mão de nossa escrita, este nosso legítimo lugar de fala. Não há como delegar a outrem, sua identidade, tampouco sua existência. Pois,

Tudo que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte. (POULAIN DE LA BARRE, *apud*, BEAUVOIR, 2009, p.12).

5 Libras – Língua de Sinais Brasileira utilizada pela comunidade surda e reconhecida através da Lei 10.436

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Tradução: Sérgio Milliet. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.
- BUZATTI, Bárbara. A mesa. Belo Horizonte, 2019, no prelo.
- DURAS, Marguerite. Escrever. Tradução: Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994
- ESTÊS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GALEANO, Eduardo. A Casa das palavras. In: O livro dos abraços. Tradução: Eric Nepomuceno. - 9. ed. - Porto Alegre: L&PM, 2002. P.13
- GALEANO, Eduardo. Celebrações de bodas da razão com o coração. In: O livro dos abraços. Tradução: Eric Nepomuceno. - 9. ed. - Porto Alegre: L&PM, 2002. P.
- GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. Revista Conexão Letras, v. 3, n. 3, 2011.
- HILST, Hilda. Da Poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. P.55-56
- INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 3, 2008.
- LEOTE, Rosangella. Multisensorialidade e sinestesia: poéticas possíveis?. **ARS (São Paulo)**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 42-61, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167853202014000200042&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 jul. 2019. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2014.96737>.
- LISBOA, Elizete. Sem título. Belo Horizonte, 2019, no prelo.
- MARQUES, Ana Martins. Peso de Papel. In: A vida submarina. Belo Horizonte: Scriptum, 2009. P.111
- MURTA, Michelle. (2018). Eu, eu mesma e o português: experiências dos meus (dê)encontros com a língua portuguesa. Revista X.13.255.10.5380/rvx.v13il,60661.
- PIMENTA, Luciana. Morada. Belo Horizonte: Letramento, 2017. P.118-119
- SCHITTINE, Denise. Lendo e escrevendo no escuro: a literatura através da cegueira. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2016. P.11-12
- STROBEL, Karin. Blog Vendo Vozes. (2008) Disponível em <<http://www.blogvendovozes.com/2008/03/entrevista-exclusiva-karin-strobel.html>>, Acesso em 30 jul. 2019.